

---

---

## Notas Bibliográficas

RATZINGER, Joseph (Bento XVI), *Introdução ao Cristianismo*: preleções sobre o Símbolo Apostólico. Com um novo ensaio introdutório. Tradução do original alemão de por Alfred J. Keller. São Paulo: Loyola, 2005. 268 pp., 23 X 16 cm. ISBN 85-15-03094-2.

O livro, quando lançado no final da década de 60, teve muito sucesso a ponto de dois anos depois aparecer breve prefácio do autor à 10ª edição, aludindo a um artigo onde retoma as questões levantadas pelas resenhas. A presente edição refez a tradução em linguagem leve e literariamente caprichada. Apresenta a novidade de outro prefácio, agora mais extenso, do próprio autor. Acrescente-se a importância de conhecer idéias teológicas de quem hoje é o Papa. Evidentemente, elas não adquirem nenhum valor intrínseco maior, mas servem para mapear o itinerário de pensar de quem hoje assumiu a responsabilidade do Supremo Pontificado na Igreja católica. O prefácio da reedição do ano 2000, assinado já com o título de cardeal e no cargo de Prefeito da Congregação da Doutrina da Fé, tem certamente peso maior. Reflete o pensamento de quem, depois de três décadas de tirocínio teológico e de missões relevantes na Igreja católica, pergunta-se de onde partir uma Introdução ao Cristianismo nos dias de hoje. Reafirma que os problemas centrais são Deus e Jesus Cristo. Para isso, descreve o contexto sociocultural religioso atual, marcado por dois eventos históricos: 1968, com a rebelião da juventude, e 1989, com a derrocada dos regimes socialistas. A revolta juvenil apontava para a salvação vinda do pensamento marxista diante do fracassado percurso do Cristianismo ocidental, e 1989 anunciava, por sua vez, a falência da salvação proposta. Estranho ardil da história!

Na análise desse período, aborda a dupla questão paradoxal: a secularização-silêncio de Deus e o oposto surto religioso. Na linha de negação ou esquecimento de Deus por ser inútil, surgiram, no Primeiro Mundo e no Terceiro, reflexões teológicas. Alude à teologia da libertação, interpretada desde uma compreensão eurocêntrica. Aparece a dificuldade de captar a complexidade do pensar e agir cristãos num Continente de sofrida opressão, menos acadêmico e mais pastoral. O esquecimento de Deus não pareceu dar-se, sobretudo nas bases das comunidades eclesiais, onde a experiência e a confiança em Deus são vivas e presentes, último baluarte quando todas as outras realidades humanas fracassam. “Deus não falha”, “Deus é fiel”, “a predileção de Deus pelos pobres”, expressões que enchem os lábios e coração dos cristãos comprometidos.

O surto religioso é visto na sua face positiva do vigor da fé em Deus quando ele parecia ter desaparecido. Mas há correntes religiosas que fazem esmaecer a realidade de Deus e de Jesus Cristo. A questão relativa a Deus e a Cristo torna-se o âmago de uma introdução à fé cristã. A dimensão mística do conceito de Deus

mantém a validade da realidade de Deus como mistério inesgotável, levando a confiar nele sem a pretensão de defini-lo com a pobreza da linguagem humana, mas também sem negar a necessidade da razão para nos aproximarmos dele.

O prefácio, embora tenha um tom mais pesado que a luminosidade e leveza do livro escrito em momento de maior esperança e vigor teológicos, não perde a profundidade e a força questionadora para um leitor atento.

Aí está o livro, em nova forma literária e com visual agradável, a desafiar a leitura ou releitura, introduzido pelo questionador, problemático e sisudo prefácio, carregado com os pesados problemas do momento atual. Aponta tarefas outras para o Cristianismo de mostrar o significado e a necessidade de Deus e de afirmar sem temor a Jesus como Deus. Se Deus não está em Cristo, ele já não é um Deus conosco. Esvazia-se a cristologia e a própria teo-logia. Essas reflexões do teólogo tardio Ratzinger deitam certa sombra de preocupação sobre a inspiração solar do livro. Que o leitor aproveite de ambas.

JBL

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler (org.): *O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise*. Petrópolis: Vozes, 2003. 262 pp., 23 X 16 cm. ISBN 85.326.2842-7.

Na turbulência do mundo de hoje, voltam perguntas que pareciam sepultadas pela modernidade. Entre elas está a pergunta pelo futuro da religião. Este livro traz a público uma das primeiras obras que reagiu às idéias de Freud sobre religião. Ela não nasceu do setor conservador e reacionário, mas de um pastor e psicanalista, amigo de Freud, Oskar Pfister. Freud escrevera em 1927 o famoso livro "O futuro de uma ilusão", e o pastor no ano seguinte, 1928, retrucou com outro título semelhante de toque crítico: "A ilusão de um futuro". O título do presente livro retoma esse jogo de palavras – O futuro e a ilusão –. A propósito do texto de O. Pfister, reproduzido em português, organiza um grupo de estudos e comentários sobre a polêmica entre ele e Freud.

Essa discussão entre amigos, mas de pontos de vista bem antitéticos, continua suscitando interesse para a compreensão do campo da religiosidade, tão importante na cultura brasileira e nem sempre percebido pela psicanálise.

O Pastor Pfister pretendeu compreender o fenômeno religioso a partir da teoria psicanalítica, da teologia crítica e de sua vivência de fé, ampliando os referenciais de análise. Sob outros ângulos, estudou os anseios humanos, sua busca de felicidade, as distorções e neuroses que afetam o amor e a devoção.

Esse diálogo entre Freud e Pfister ajuda-nos muito, a nós brasileiros, a perceber que é possível combinar amizade, respeito ao mestre e, ao mesmo tempo, autonomia, discordância de idéias.

Quatro palavras são chaves de compreensão dos estudos apresentados: futuro, ilusão, psicanálise e religião.

O livro reproduz o texto de O. Pfister. Este percebera o instrumental de Freud, pensado para rejeitar a religião, como "meio grandioso para depurar e desenvol-

ver a religião". Levanta a suspeita de que, no fundo, Freud combate a religião a partir da religião, a cujo nível levantou a ciência. Em termos rahnerianos, Pfister descobre em Freud "um cristão anônimo". Diz textualmente numa carta a Freud: "E não está longe do reino de Deus quem, pela criação da psicanálise, elaborou o instrumental pelo qual são serradas as cadeias de almas sofredoras e são abertas as portas do cárcere". Compara-o ao filho do evangelho que diz ao pai que não vai trabalhar, mas vai (Mt 21, 28), a quem Jesus prefere. Apesar de sua pretensa descrença, Pfister vê Freud mais próximo do trono de Deus. E nesse texto, o pastor passa o conceito de religião de Freud pelo crivo da crítica, ponto por ponto: religião como obsessão neurótica, como configuração do desejo, como hostil à razão, como proteção da cultura. E mostra o limite das teses centrais de Freud: a crença de que a ciência traz felicidade à humanidade, seu otimismo e confiança na ciência, na sua suficiência.

O presente livro organizou as contribuições em três seções. Uma primeira discute as idéias de Freud à luz do momento atual, recorrendo a outras tradições pós-freudianas desde Winnicott a Lacan, passando por E. Sabato, Shoter, Frankl, Vergote, Rubem Alves.

A segunda seção agrupa textos que reagem a Pfister, apresentando suas idéias, suas divergências em relação a Freud, sua inserção na clínica psicanalítica e na cura das pessoas.

A terceira seção reproduz ressonâncias contemporâneas da discussão entre Freud e Pfister. O livro termina com um debate amigável entre um teólogo (Ênio R. Müller) e dois psicanalistas (Abraão Slavitzky e Karin Wondracek).

Cada texto mereceria referência especial. Essa nota bibliográfica quer despertar o leitor para um debate que interessa a psicanalistas e a teólogos. Tanto a religião necessita da malha apertada da psicanálise para restringir-lhe traços doentios, como a psicanálise sofre da carência da religião, da fé, da teologia para abrir-se a um horizonte mais arejado, superando o cientismo doentio do iluminismo pretensioso.

Alguns textos correm límpidos. Outros se vestem demasiado dos jargões da psicanálise. Há real dificuldade de as pessoas da academia liberarem-se da insegurança de terem de repetir um vocabulário feito por medo de entenderem livremente o pensamento de outro.

O aspecto positivo dessa coletânea de textos, naturalmente de valor desigual, reside em purificar a psicanálise de ranços anti-religiosos e de mostrar o caminho de uma religião sadia psicologicamente. Não permite que se coloque sob a mesma etiqueta qualquer religião, mas oferece critérios críticos da religião a partir da psicanálise. O diálogo final entre o teólogo e os psicanalistas – que é realmente uma pérola de realismo e esperança – revela muito claro esse viés dominante do livro. É um serviço à psicanálise e à religião, sem reducionismos preconceituosos. Não deixa o leitor embarcar facilmente no atual surto religioso, mas também não o considera, sem mais, como volta da irracionalidade. É uma situação ambivalente que merece atenciosa análise. E o teólogo E. Müller mostra como a teologia da libertação provocou uma "reimageação" de Deus numa linha de solidariedade, "que demanda justiça, não em termos de julgamento sobre almas, mas em termos de relações humanas justas e fraternas".

JBL

BRAGUE, Rémi: *La Loi de Dieu: histoire philosophique d'une alliance*. Paris: Gallimard, 2005. 400 pp., 24 X 16 cm. Col. L'esprit de la cité. ISBN 2-07-073520-6.

Remi Brague é autor de diversas obras situadas nos limites da filosofia, da teologia, da política e da "sabedoria" universal. O presente livro é interessante, tanto do ponto de vista filosófico como teológico, e talvez contribua para aproximar essas duas visões que a história moderna separou.

Brague descreve a história da idéia de uma "lei divina", a aliança entre Deus ou a divindade e a lei no mundo grego antigo, na tradição bíblica judaica e cristã, e na tradição do Islã. Esta aliança foi rompida pela modernidade européia, como fruto da distinção entre lei e consciência desenvolvida pelo cristianismo ocidental: a lei ficou para o Estado, e Deus, para a consciência – sendo conseqüentemente excluído da sociedade. Entretanto, o judaísmo medieval fez da lei a chave do universo, porém, mediante um vôo especulativo e místico, enquanto o Islã manteve a lei de Deus como centro da comunidade. Para o Islã, mesmo "moderno", a separação de religião e Estado significa decadência...

Mas não é este o fulcro da questão. Trata-se de apreender a fonte transcendente da ética, da moral, da sabedoria "prática". Teo-logia não é reduzir a idéia de Deus ao *logos*-razão humano, mas "dar a palavra a Deus".

O livro é um verdadeiro "ensaio", um diálogo aberto, rico em intuições surpreendentes. O autor até se permite questionar o caminho da ideologia européia: que é um mundo no qual o homem se pretende único legislador?

JK